



18 DIAS

MEM ●
MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Amelia Smith

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título:

18 dias

Texto: Amelia Smith

Traduções e entrevistas em árabe: Marwa Kocak

Versão digital: Amy Addison-Dunne

Ilustração de capa: Kit Lloyd

Publicado em abril de 2023.

Esta publicação preserva os direitos de copyright dos autores. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.



Monitor do Oriente Médio
Estado de São Paulo, Brasil
www.monitordooriente.com

18 DIAS

Amelia Smith

Jornalista radicada em Londres, com interesse particular em Oriente Médio e Norte da África. Finalista do prêmio Write Stuff da Feira do Livro de Londres, em 2016. No mesmo ano, editou e publicou o livro *The Arab Spring Five Years On*, uma coletânea com análises sobre a Primavera Árabe e seus desdobramentos, cinco anos depois.



18 dias

Em 11 de fevereiro de 2011, o presidente Hosni Mubarak, que havia governado o Egito por 30 anos, deixou o poder. Foi um momento de intensa euforia e enorme agitação na região.

Aqui, por meio de entrevistas exclusivas, oito egípcios contam sua história dos 18 dias de protestos e dos 10 anos de tirania que se seguiram à queda de Mubarak.

18 dias foi selecionado como finalista do **Prêmio de Mídia da Anistia Internacional de 2022**.



O Egito de Mubarak

“ O regime de Mubarak era como uma nuvem carregada que cobria todos os sonhos de minha geração ”
Mosa’ab Eshamy, fotojornalista

Ghada Najibe reúne suas amigas de colégio sentadas em um círculo e alisa a saia. “Você já ouviu falar de Zaki Badr?”, ela pergunta às mulheres aglomeradas em torno dela, que a olham atentamente.

Durante o dia, Ghada é secretária do grêmio estudantil, líder da turma de 1987. À noite, vê sua mãe lendo artigos publicados no jornal Wafd, com seu distinto retângulo verde no canto superior direito, as manchetes vermelhas saltando da página.

Quando termina, Ghada estuda a nítida impressão por conta própria, inalando as reviravoltas do regime de Mubarak e seus homens.

“Zaki Badr, nosso ministro do interior, tortura pessoas”, ela conta a suas amigas. Ela pausa, aguardando a reação, e então aumenta o tom de voz. “Vamos ficar em silêncio sobre seus crimes?”

“Não”, elas respondem. “Não, não vamos.”

As cinco mulheres ao redor de Ghada compram pincéis e os usam para escrever slogans nas paredes denunciando a brutalidade policial. Elas imprimem panfletos que distribuem na fábrica local da Pepsi. O grupo cresce, até que são 60 mulheres com um objetivo simples: espalhar a palavra sobre a luta pelos direitos humanos e pela justiça.

Mas o impulso é de curta duração e Ghada é chamada à sala do diretor. Ela empurra a porta lentamente, entra e, conforme o espaço se abre, vê seis homens no escritório.

“Qual é a sua relação com a política?”, um deles pergunta a ela. Por seus ternos cinza e rígidos, ela deduz que pertencem aos serviços de inteligência. “Quem a ajudou?”

“Você é uma estudante”, acrescenta outro. “Você tem uma tarefa, os políticos têm as suas.” Eventualmente, os homens saem. Sua professora se vira e enfrenta Ghada.

“Você percebe a situação em que me colocou agora?” Ela caminha até a mesa e bate sua bolsa sobre a madeira. “Você estava prestes a fazer com que todos os seus professores, colegas e familiares desaparecessem. Como você ousa fazer isso conosco?”

Ghada é suspensa por três dias e perde seu cargo no grêmio estudantil. Mas o desejo ardente por mudança não foi extinto – ele vive dentro dela, a partir daquele dia em diante.



Haitham Ghoniem cresceu em uma família simpática à causa palestina. Em casa, a ocupação do Iraque ou de Gaza não eram aceitáveis. “A indignação já estava lá”, diz ele.

Cerca de um ano antes da revolução, Haitham organizou um grupo em busca de mudanças, sua força motriz era a solidariedade pela população carente do Egito. Eles trabalharam juntos para produzir uma revista chamada Mustaqbalna, ou Nosso Futuro, mas pararam após a impressão de apenas duas edições.

Haitham tinha parentes na segurança do estado e lhe foi entregue uma mensagem o alertando sobre suas atividades políticas. Mas ele fora fascinado por um vídeo com o famoso ator egípcio Adel Imam, no qual perguntava às pessoas por que elas não gostavam de Hosni Mubarak. Sempre que alguém dava uma razão, Haitham a anotava.

O que ficou em sua mente foi o acidente do MS Al-Salam Boccaccio, quando um barco que transportava sobretudo trabalhadores egípcios afundou. O proprietário da empresa que operava a balsa, um membro do partido governista, fugiu para a Europa e escapou da justiça.

A história encapsulou o que a revolução contestaria mais tarde: que a elite política do Egito vive acima da lei.

Haitham deixou o Cairo para um curso de treinamento por duas semanas. Quando retornou, a segurança do estado bateu à porta e o prendeu.

“Por que você é contra a eleição de Hosni Mubarak?”, perguntaram durante seu interrogatório. “Por que você é contra a sucessão de seu filho, Gamal Mubarak? Quais são suas afiliações? A que partido político você pertence ou apoia? Você faz parte da Kefaya?”

“Não”, ele respondeu.

“6 de Abril?”

“Sou apenas uma pessoa comum, não sou de nenhum partido político.”

“Oficialmente, você está em casa, mas na realidade, está sob custódia do estado”, declarou um dos oficiais pouco antes de ele ser libertado. “Se eu quiser fazer você desaparecer, não há ninguém no mundo que possa fazer nada.”



Pouco antes, em 2008, um grupo de ativistas do Cairo se preparava para um protesto em frente a uma fábrica têxtil em Mahalla.

Em 6 de abril, em uma cidade industrial envolta em poluição no meio do Delta do Nilo, dezenas de milhares de pessoas responderam aos seus chamados e se reuniram em apoio aos trabalhadores que queriam melhores salários e exoneração do sindicato colaboracionista.

O grupo mais tarde se tornaria o movimento 6 de Abril, um dos grupos de oposição mais proeminentes do país.

Entre os manifestantes estava Ghada, a ex-estudante de 1987. Está casada e tem dois filhos, Mohammed e Yousef, de 8 e 9 anos, respectivamente.

Omar Magdy, um estudante de odontologia, faltou às aulas para participar da mobilização.

“Mahalla foi considerada um ensaio geral para a revolução de janeiro”, explica Khalid Esmail, então membro do escritório político do movimento 6 de Abril.

Não foi o único protesto organizado pelo 6 de Abril. O grupo realizou manifestações em apoio à Palestina e incentivou as pessoas a se reunirem nas escadas do Sindicato dos Jornalistas – nasseristas, liberais, esquerdistas, qualquer pessoa – para exigir independência da justiça e o fim da tortura e brutalidade policial.

Como uma bola de neve, a corrupção e a brutalidade do estado estavam criando opositores em todo o país – tanto indivíduos quanto movimentos coletivos – e sua indignação e senso de injustiça ganhavam tração rumo a 2011.

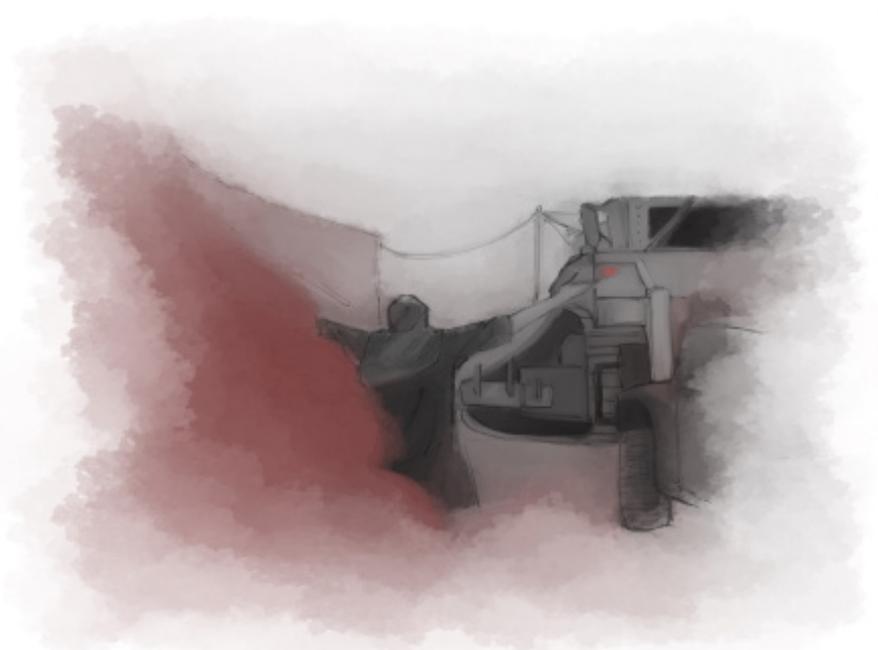
“Honestamente, ninguém esperava realmente que as coisas acontecessem do jeito que aconteceram, em todas as revoluções da Primavera Árabe”, recorda Khalid Esmail. “Havia sinais de que havia mudança possível para o regime de Mubarak, já que as tentativas de reformá-lo de dentro para fora falharam por completo. O que realmente encorajou os movimentos revolucionários foi a constatação de que o regime não poderia ser transformado por dentro.”

“A gota d’água foi em 2010, quando ficou muito claro que as eleições foram escandalosamente fraudadas, e várias decisões judiciais foram emitidas nesse sentido,” continua Khalid. “O governo insistia escandalosamente em manter os resultados. Isso, porém, culminou no começo de uma aliança entre os partidos políticos no Egito, que perceberam que o regime jamais mudaria por conta própria, muito embora fosse preciso mudá-lo. Portanto, deveria haver uma ação revolucionária, que na verdade começou em 2008 com os protestos dos trabalhadores de Ghazl el-Mahalla, uma verdadeira prova do que estava por vir, que encorajou as pessoas a expressar suas críticas nas ruas. Houve gente que ateou fogo a si mesma na Câmara dos Representantes, houve então o incidente de Khaled Said, o ataque a bomba contra Igreja de Todos os Santos de Alexandria e o assassinato de Sayed Bilal.”

Em 2010, Mosa’ab Elshamy estudava farmacologia na periferia do Cairo. Seu pai fora preso sob o regime de Anwar Sadat e ele próprio também fora. Inspirado pelas greves de Mahalla, Elshamy pegava o ônibus que o levava à faculdade todos os dias e, enquanto atravessava o tráfego congestionado do Cairo, verificava as notícias em seu telefone celular.

Foi lá que viu as fotos de Khaled Saeed – graduado em informática, espancado até a morte por policiais na cidade de Alexandria, no verão de 2010. Os jovens que viram as imagens de seu corpo nas redes sociais se enxergaram em Khaled e perceberam o quão facilmente isso poderia lhes ocorrer.

Cerca de um ano depois, um vendedor de legumes da Tunísia, cansado da corrupção do regime, ateou fogo em si mesmo do lado de fora de um prédio do governo provincial em Sidi Bouzid. Ambos os eventos colidiram e incendiaram o movimento de oposição no Egito.



Ali Ahmed, um jovem de Kerdasa, uma aldeia nos arredores do Cairo, sentou-se com sua família e amigos assistindo às imagens da autoimolação de Mohammed na televisão e as demonstrações que o incidente provocou em todo o país.

“As pessoas vão sair às ruas aqui?”, eles perguntavam uns aos outros. “Devemos ir?”

Eles deliberaram sobre o efeito de suas ações e as implicações em casa, no Egito.

“Não temos nada a perder”, decidiram.

À medida que o ímpeto em torno da Revolução Jasmim da Tunísia cresceu exponencialmente, em âmbito doméstico, Khalid e seus companheiros do movimento 6 de Abril passaram a preparar aulas para treinar as pessoas sobre como sair às ruas e protestar em segurança.

Alguém cortou uma garrafa de água ao meio e a envolveu em volta do braço. “Isso é para protegê-lo no caso de um policial te bater com um bastão”, explicou.

Organizações de direitos humanos criaram linhas diretas para fornecer aconselhamento jurídico aos manifestantes e redigiram modelos de mensagens de texto que poderiam ser enviadas no caso de as pessoas serem presas.

“Não leve um smartphone”, alertou um organizador. “Você será rastreado com facilidade.”

Na noite de 24 de janeiro de 2011, Ghada, Haitham, Khalid, Mosa’ab e Omar acompanhavam de perto suas páginas das redes sociais. Vídeos circulavam, encorajando os egípcios a sair e protestar. “Independentemente do que conquistarmos”, prometiam os comentaristas, “amanhã será um novo dia no Egito”.



18 dias

“ Mantenha sua cabeça erguida, você é um cidadão egípcio ”
Ali Ahmed, ativista

Na manhã de 25 de janeiro de 2011, Ghada Najibe acordou, pôs um lenço rosa sobre a cabeça e calçou seus sapatos de salto alto. Ela planejava ir à Mesquita Mustafa Mahmoud, no subúrbio de Gizé, para protestar junto com seus três filhos. Ghada tinha 38 anos; Mohammed, Yousef e sua filha Rihan tinham treze, doze e cinco anos, respectivamente. Ela não tinha expectativas.

Quando Ghada chegou, ficou surpresa ao encontrar manifestantes rompendo o cordão de segurança que havia sido formado para contê-los. Ela se juntou à multidão e começou a correr, respirando profundamente. Algo lhe parecia diferente naquele dia, havia leveza nos movimentos de Ghada e ela momentaneamente perdeu o controle enquanto navegava pelas vielas, agitando uma bandeira ao som dos cantos e das palavras de ordem.

“Veja, Egito, minha Mãe Terra; estes são seus filhos”, gritava a multidão. “Seus filhos te querem bem; sacrificam sua alma e seu sangue por você”.

Então, de repente, ela parou. Onde estavam seus filhos? Ela se virou na direção de onde tinha vindo e viu um menino carregando uma menina em seus ombros. Ela reconheceu o casaco verde da menina, a faixa vermelha segurando seu cabelo com o laço rosa visível de lado.

“Naquele momento, senti que o cheiro do ar estava diferente, que respirava algo ainda estranho. Foi a primeira vez que gritei daquela maneira. Depois que a barreira do medo foi rompida e corremos como loucos, foi como se removêssemos um enorme monolito de nossos peitos e nossos corações. Liberdade. Foi a primeira vez que me senti livre ao ponto de literalmente esquecer meus filhos”, relembra Ghada.

Não muito longe de Ghada e sua família, em meio à multidão, Sara Mohani estava em casa em Dokki, se preparando para protestar junto de seu pai. Ela havia passado as últimas horas tentando convencer sua mãe, que não queria que ela fosse.

Naquela manhã, Sara fez uma prova que estava marcada, a princípio, para 27 de janeiro. Entretanto, a banca organizadora havia mudado a data para o dia 25, com intuito de dissuadir os estudantes de comparecerem aos protestos. Ela se despediu de sua mãe e saiu com seu pai.

Entre milhões de pessoas, o pai de Sara segurava um cartaz com a palavra “Irhal” – em árabe, “Fora!”. Ela o fotografou naquele dia memorável, com a multidão ao fundo.

Sara se virou quando um jovem se aproximou dela. “Com licença, você poderia vir e nos ajudar com os acessos?”, ele perguntou.

“Os acessos?” Sara pensou nos acessos improvisados que ela e seu pai haviam passado para entrar na praça.

“Precisamos de mulheres para ajudar umas às outras”, explicou ele.

Sara assentiu e o seguiu.

“Durante a revolução, eu me senti muito segura como mulher”, lembra Sara. “Senti que a praça Tahrir era o lugar mais seguro do mundo apesar da multidão. Não vi nenhum incidente de assédio durante todo o período. De jeito nenhum. E nunca ouvi falar de nada assim.”

“Para mim, senti que caminhava ao lado de minha família, caminhava com segurança. Meu pai não estava preocupado que alguém pudesse me machucar. Não, ele sentia que todas aquelas pessoas eram da nossa família. Ninguém me importunou, e até mesmo os jovens cuidavam e protegiam as mulheres. Então eles tentavam manter uma distância entre nós. Essas coisas me fizeram sentir segura.”

Cerca de 14 quilômetros a oeste do Cairo, o estudante de administração Ali Ahmed e seus amigos desceram pelas ruas de sua aldeia, Kerdasa, em direção à delegacia de polícia. Dez deles entraram em uma rua e se transformaram em cem. Quando chegaram a cem, se tornaram mil. Passaram por todas as casas até que praticamente toda a aldeia estivesse com eles.

Quando chegaram à delegacia, formavam uma multidão considerável do lado de fora.

Todos haviam ouvido as histórias sobre a brutalidade policial, sobre a tortura e os desaparecimentos forçados das ruas. A resposta foi mortal. Naquele dia, a polícia matou dois jovens de Kerdasa e outro de Bani Magdoul, uma aldeia próxima.

Suas mortes galvanizaram as multidões e o estado de indignação cresceu cada vez mais. Naquela noite, todos os policiais se retiraram de seus postos então designados.

Os manifestantes partiram em uma caravana de carros e táxis, seguindo pelas aldeias na estrada, em direção ao Cairo. Eles chegaram à entrada de Bein Al-Sarayat, perto da Universidade do Cairo, onde a via estava bloqueada por manifestantes e policiais. Então saíram dos carros e começaram a andar.

Ali olhou para as pessoas assistindo de suas sacadas. “Vocês arruinaram o país”, alguns deles gritavam. Outros apoiavam os manifestantes, encorajando-os e desejando-lhes sucesso.

“Enquanto eu estava na universidade, misturava-me com pessoas diferentes, mas somente naquele momento eu entendi a ideia de coexistir com outras pessoas; somente naquele momento eu amadureci. Senti que cresci intelectualmente”, diz Ali.

“Aquele foi o ponto no qual passei a ver todos como iguais e todos concordavam com a mesma ideia. Era um espírito tão agradável, eram cristãos e muçulmanos e não havia diferença nenhuma entre nós, não havia discriminação ou distinção, não havia diferença, mesmo com a presença de ativistas seculares ou liberais, ninguém discriminava ninguém.”

“Nos dias da revolução, você podia ver nas ruas a aceitação e acolhimento a todas as ideias, era como uma pequena versão de todo o Egito”, lembra Mosa’ab. “Um Egito mais tolerante, mais acolhedor, um país onde as pessoas tentariam ajudar umas as outras, onde as pessoas cuidariam umas das outras; onde haveria um enorme fluxo de ideias e personalidades diferentes e diversidade de culturas e religiões. Havia um grande senso de otimismo, as pessoas podiam ir à praça e sentir que estavam em um Egito livre.”



Osama Gaweesh, dentista que tinha sua própria clínica em Damietta, cidade portuária do Mediterrâneo, protestava em sua cidade natal.

“Precisávamos nos manifestar em diferentes províncias e municípios, não somente no Cairo, não somente na praça Tahrir”, comenta Gaweesh. “Isso teve um grande impacto no regime. Não eram apenas milhares de pessoas em uma única cidade. Não, todo o país estava se manifestando. Tínhamos alguns contatos com pessoas que estavam se manifestando no Cairo, e eles nos aconselharam a continuar protestando em nossa região”. Três dias depois, eles pediram que também fôssemos até a praça Tahrir: “Tínhamos que estar lá na casa dos milhões, tínhamos que ser um número impressionante de pessoas lotando Tahrir”.

Assim que alguém chegava à praça, era acolhido pelo grupo. Era como se a euforia, o amor e a compaixão que sacudiam a praça os envolvessem, os protegesse da violência do regime de Mubarak e dos anos brutais que precederam 2011. Eles podiam ser quem quisessem ser e fazer o que quisessem fazer: podiam alcançar seus sonhos. Tudo era perfeito.

Até que não era mais.

Em 28 de janeiro, uma fumaça densa tomava Tahrir. Observando a praça de cima, não era fácil identificar os cantos da arquitetura desbotada e havia apenas vislumbres das bandeiras vermelhas, brancas e pretas erguidas pelos manifestantes. O regime começava a entrar em pânico e a repressão estava ficando cada vez mais violenta.

Às 10h20, Haitham Ghoniem seguiu caminho à Mesquita de Rabia al-A-dawiya, onde pretendia se encontrar um grupo de amigos. Tirou o celular do bolso para mandar uma mensagem e percebeu que não havia sinal. Mubarak havia desligado as redes de telefonia móvel e internet do país na tentativa de dispersar os protestos.

Haitham voltou para casa, tirou a camisa e escreveu seu nome e telefone fixo no abdômen. Se morresse naquele dia, ao menos a pessoa que o encontrasse poderia identificá-lo. Vestiu novamente a camisa e saiu. Parou por um momento e bateu no chão com uma das mãos – para ver se o que estava acontecendo era real ou não.

Quando chegou à mesquita, ele e um amigo entraram. No minarete, um sheikh fazia um sermão raivoso em favor de Mubarak. Um dos jovens que rezavam se levantou e confrontou o sheikh: “É por causa de pessoas como você que a tirania e a injustiça se espalham e a atividade criminosa aumenta”, ele gritou. Sua voz ecoou pelas paredes. Inspirados, os fiéis se juntaram ao jovem e começaram a cantar contra o regime. Quando eles finalmente saíram, a segurança do estado havia cercado a entrada e lançado gás lacrimogêneo para tentar contê-los.

A multidão se dirigiu a Ghamra, cerca de cinco quilômetros da praça Tahrir. As pessoas baixaram cestas de água de suas sacadas e telefones fixos aos manifestantes, para que ligassem aos amigos e familiares e dissessem que estava tudo bem.

“Foi assim que aos moradores dos bairros mais pobres nos ajudaram e encorajaram”, reafirma Haitham. “Infelizmente, hoje em dia, muitos apenas os insultam. No entanto, fizeram parte fundamental da revolução e temos enorme respeito por eles.”

A multidão se dirigiu para a ponte Ghamra, rumo ao Hospital Copta. Uma marcha da ponte de Suez chegou ao mesmo tempo.

“Passamos pela ponte Ghamra e nos aproximamos do Hospital Copta. Um outro ato chegou lá antes de nós, acho que vinham da ponte de Suez. Percebi que a segurança do estado já os reprimia, atirando na multidão e lançando gás lacrimogêneo contra as pessoas; ainda assim, nos juntamos aos protestos”, recorda Haitham.

“Então os beltagayya chegaram com cassetetes. Um homem idoso parou na frente deles, com duas de suas filhas. Ele perguntou: por que estão aqui? O que estão fazendo? Por que estão nos atacando? Os milicianos disseram: vocês entraram em nosso bairro e por causa de vocês estamos sofrendo com o gás lacrimogêneo e a polícia está ficando louca conosco. Por que vocês não saem? Aquele senhor disse que estava ali por eles, disse que era bem de vida e não precisava protestar. A forma como falou com eles surpreendeu os bandidos.”

“Aquele homem lhes dizia que estava ali por eles e que todos poderiam viver uma vida digna”, continua Haitham. “A conclusão disso foi que o grupo de bandidos baixou suas armas, cassetetes e tudo o que tinham em mãos e decidiu se juntar ao ato. Disseram somente aos manifestantes que não ferissem os soldados, pois eles também eram parte do povo.”

“Foi então que os beltagayya foram muitos espertos. Eles pegaram um grande pedaço de madeira, ficaram atrás um do outro e disseram que iriam atrás segurança do estado, e que tentariam capturar um ou outro soldado e trazê-lo de volta. Se alguém caísse, os outros iriam protegê-lo. Dois deles conseguiram pegar dois soldados e voltaram. As pessoas que os protegiam por trás estavam sendo baleadas. Eles levaram os soldados para um lugar à parte e formaram um cordão de isolamento para que ninguém se aproximasse, pediram que removessem suas armas, capacetes e escudos e disseram para irem embora. Ninguém queria machucá-los, só queriam suas coisas. Eles conseguiram pegar os dois escudos e todos caminharam atrás deles. Os oficiais os viram correndo com os escudos e fugiram”.

Haitham e seus amigos chegaram à Mesquita el-Fath em Ramsis, onde encontraram veículos blindados e tanques. Eles se esconderam ao perceber os disparos. Os manifestantes procuraram pedras e tijolos para tentar reagir. Um homem à sua esquerda jogou uma pedra contra um tanque de guerra; houve um tiro de resposta – a bala acertou em cheio sua cabeça.



“Essa foi a primeira vez que vi alguém ser morto na minha frente”, lamenta Haitham. “Eu o peguei e corri para o hospital, pelas ruas laterais, antes de chegar ao centro da cidade. Encontrei ainda mais oficiais de segurança do Ministério do Interior e fiquei surpreso que havia tantos soldados. Eu não conseguia me livrar deles, então acabei indo em direções diferentes, por vias laterais diferentes. Isso foi por volta das 17h30 ou 18h. Nosso grupo era pequeno; somente eu e mais três amigos. Andávamos devagar e em silêncio, colados na parede, tendo cuidado para não sermos vistos e presos. Estávamos determinados a não sermos pegos”.

Quando Haitham e seus amigos chegaram à estrada principal, viram a carcaça incendiada de um carro de polícia. Eles perguntaram aos outros manifestantes o que estava acontecendo e receberam como resposta a notícia de que os soldados haviam recuado.

“Foi inesperado. Temos certeza de que ninguém que saiu naquele dia esperava que isso acontecesse. Havia uma sensação de que o país todo ia para o inferno.”

“Naquele dia, entendemos como um estado deveria ser porque as pessoas se protegeram e o estado não. As pessoas tiveram de cuidar de si mesmas. Descobrimos também que, caso o partido governante se sentisse ameaçado ou em perigo, seu exército fugia. Naquele dia, o povo egípcio percebeu que seria capaz de se defender.”

“Uma das coisas mais engraçadas que presenciamos naquele dia foi as pessoas distribuindo bebidas geladas e dizendo, compramos essas bebidas com o dinheiro que as autoridades roubaram do povo, dinheiro que levaram para a sede do partido nacional.”

O prédio de sete andares do Ministério do Interior ganhou destaque entre os protestos na praça Tahrir. Um círculo de atiradores de elite foi colocado no local para proteger o ministério e eles atiravam em qualquer pessoa que chegasse para se juntar aos manifestantes.

Haitham teve que pensar em uma maneira de impedi-los. Havia pessoas feridas por toda parte e ainda precisavam passar pelos atiradores para chegar ao hospital de campanha. Ele se aproximou dos militares que guardavam a área e pediu para que formassem uma barreira na frente do ministério para tranquilizar a equipe, na esperança de que isso parasse os tiros.

O exército se recusou, então dois médicos tentaram passar, com seus jalecos brancos bastante visíveis. Um soldado eventualmente ergueu a mão e os chamou. Eles permitiram que passassem, retiraram os corpos e deram passagem segura até o hospital. Mas quando os jalecos se aproximaram, foram pegos pelos atiradores, que mataram ambos.



No momento da revolução, Omar Magdy estava no último ano da universidade de odontologia. No chamado Dia de Fúria, sexta-feira, dia 28 de janeiro, ou gomot el-ghaddab, em árabe, ele estava em Giza com alguns amigos jogando videogames. Eles guardaram seus consoles e decidiram que era hora de ir para os protestos.

Ao se aproximarem do bairro de Dokki, que faz fronteira com a praça Tahrir, puderam ver a ponte que conecta as duas áreas através do Nilo. Do outro lado, milhões de pessoas se intercalavam com soldados e policiais.

Omar foi empurrado para trás, olhou para baixo e percebeu que o homem à sua frente havia sido baleado no peito, a bala passando por ele e rachando o osso do esterno. Ele foi rapidamente levado a um hospital de campanha improvisado para tratamento; Omar, contudo, ofereceu seus próprios serviços.

“Você sabe fazer pontos?” perguntou Sarah, uma das médicas, enquanto enfaixava o peito do homem ferido.

“Sim, pontos simples”, respondeu Omar.

“Ok, nunca faça pontos no rosto para não deixar cicatriz”, disse Sarah.

Ele assentiu e mergulhou de volta na multidão.

“A maioria era ferimentos de espingarda. Eu mesmo retirei as balas. Algumas pessoas precisavam de pontos, pontos pequenos, um ou dois”, relata Omar. “A maioria dos manifestantes precisava de RCP (reanimação cardiopulmonar), alguns estavam em coma, outros não conseguiam respirar. Eu abria espaço na via aérea para reanimar os pacientes.

Algumas pessoas se apresentaram para ajudar com máscara de gás e oxigênio. Havia apenas um tanque de oxigênio e um tubo. Não havia como trocar o material para cada paciente, todos usaram a mesma máscara, mas tempos desesperados pedem medidas desesperadas.”

“Vi também alguns carros atropelando algumas pessoas. Vi com meus próprios olhos”, acrescenta. “Recolhi fragmentos do crânio de algumas pessoas. Balas que atravessaram a cabeça das pessoas, que esmagaram a caixa craniana. Havia casos em que era preciso colocar o cérebro de volta no lugar.”

“Era como ondas, na verdade. Estou falando das orações de sexta-feira. Por volta do meio-dia ou uma hora da tarde. Naquele momento, um pouco de água foi jogado nos manifestantes. Uma hora depois, começaram a ser lançadas bombas de gás. Depois disso, depois de 15 ou 20 minutos, já ouvíamos as espingardas. Então usaram metralhadoras para atacar os civis. Era como se o Dia do Juízo Final chegasse no Egito.”

“Tudo era permitido, pessoas eram atropeladas por carros”, continua Omar. “Então, por volta do pôr do sol, um outro tipo de força militar foi trazido. Nós a chamamos de al-haras al-gomhory ou guarda presidencial no Egito. Não são forças particulares, mas parte do exército. Eles se vestem como uma força militar, mas com apenas um código de cor nos ombros e o boné escrito em outra tipografia. Eles têm outro símbolo, mas se vestem como parte do exército. A guarda presidencial desceu com tanques. Eles atropelaram pessoas com seus tanques.”

À medida que o exército se aproximava, em algum lugar entre a multidão, Ghada e seu marido Hisham caminhavam de Mustafa Mahmoud até a ponte El-Galaa. As forças de segurança atiraram contra eles. Eles romperam o cordão de isolamento ali instalado e seguiram rumo à ponte Kasr El-Nile, onde os manifestantes estavam ajoelhados para orar.

Ghada e alguns amigos ficaram na calçada, esperando Hisham terminar de rezar. De sua posição, ela podia ver a polícia disparando jatos de água e gás lacrimogêneo contra os fiéis. Eram 15h30 e as redes telefônicas ainda estavam indisponíveis. Ela perdeu de vista Hisham em meio à fumaça e não conseguiu entrar em contato com ele pelo resto do dia.

Finalmente, conseguiram se encontrar às 21h30 daquela noite na praça Tahrir. “Ele me disse, devemos rebatizar a praça como ponto de encontro dos amantes ou algo assim, porque ficamos metade do dia sem saber nada um sobre o outro”.



A batalha do camelo

“ Quando você clama por justiça, sua força vem daí ”
Ghada Najibe, ativista

No sexto dia de protesto, aviões F-16 voaram rápido e baixo sobre os manifestantes reunidos na Praça Tahrir. O exército foi implantado nas ruas circundantes. Todas as entradas foram bloqueadas, então nenhum médico pôde chegar aos manifestantes feridos na praça.

Nas primeiras horas de cada manhã, Ghada se despedia do marido e se instalava em uma das tendas para passar a noite. Ela se lembrava de seus sonhos por justiça social, cultivados desde o ensino médio, quando ela e outras 60 meninas distribuíam panfletos na fábrica de Pepsi. Foi com este pensamento em mente que disse ao marido que não iria para casa até que Mubarak deixasse o poder.

Naquele dia, pediu a Hisham para trazer seus filhos até a praça. Quando chegaram, ela abraçou seus filhos e, em um momento de medo, disse ao marido: “Eles vão nos matar agora”.

“Sempre que lembro desse momento, sinto algo estranho”, recorda Ghada. “O que aconteceria se eles realmente nos matassem? Estava preocupada apenas com meus filhos, não comigo”.

Até então, os manifestantes reabasteciam suas garrafas d’água na mesquita de Omar Makram, situada na praça Tahrir, batizada em homenagem de um líder político do século XVIII que participou da resistência contra a invasão francesa. O regime cortou o fornecimento de água e os manifestantes sentiam sede.

Felizmente, os trabalhadores no canteiro de obras vizinho, da empresa Arab Contractors, abriram suas portas e deram água aos manifestantes.

Naquela noite, às 9h30, a mãe de Ghada ligou, implorando para que ela deixasse de protestar. “Eles vão jogar bombas”, advertiu por telefone, repetindo as palavras da televisão estatal.

“Mãe, não acredite nisso, não há nada assim aqui”, respondeu Ghada.

“Pelo amor dos seus filhos, por favor, vá para casa”, repetiu a mãe. Quando percebeu que não poderia convencer a filha, desligou o telefone



No dia seguinte, às 22h, o presidente tentou seduzir a multidão: “Hosni Mubarak, que hoje fala com vocês, se orgulha dos longos anos que passou a serviço do Egito e seu povo”, disse ele. “Esta nação querida é meu país, é o país de todos os egípcios. Aqui vivi e lutei por sua causa e defendi sua terra, sua soberania e seus interesses. Nesta terra, eu morrerei e a história nos julgará, a mim e aos outros, por nossos méritos e nossas falhas.”

Ele prometeu que nem ele nem seu filho Gamal concorreriam ao poder nas eleições de 2011.

A multidão estava dividida. Alguns sentiram pena dele – devemos dar-lhe seis meses, perguntaram? Ao longo da noite, muitas pessoas deixaram a praça. Pais e mães vieram buscar seus filhos – para alguns dos manifestantes, havia acabado.

“Os egípcios são um povo emotivo, e Mubarak jogava com suas emoções. Mas e aquele grupo de pessoas determinado a sair às ruas e protestar contra Mubarak? Sua artimanha não funcionou com eles. Talvez tenha funcionado com sua família ou seus pais em casa”, diz Khalid.

“Ele disse que não concorreria novamente às eleições e começou a fazer mudanças; por exemplo, trocou o primeiro-ministro, Habib Adly. A maioria dos manifestantes era instruída, cerca de 95% das pessoas que participavam dos protestos eram da classe média, tinham educação formal e tinham discernimento sobre a cena política, a pobreza sistemática e como Hosni Mubarak tratava seu povo. Sabiam quais os métodos do regime para lidar com as pessoas e quais mensagens buscavam adotar. Logo, não sofreram influência alguma do discurso de Mubarak tampouco foram afetados pelo que ele disse.”

Em 1º de fevereiro, no dia do discurso de Mubarak, Mosa’ab Elshamy – o estudante de farmácia que se tornou fotógrafo – levantou-se, sacudiu suas roupas e dirigiu-se à casa de um amigo em Giza, perto de Nazlet El-Semman, aldeia famosa por seus trabalhadores do turismo. Ele estava desesperado por um banho e uma cama de verdade.

Na manhã seguinte, sentindo-se um pouco renovado, Mosa’ab deixou a casa de seu amigo em Giza e voltou para a praça Tahrir.

Mas seu caminho estava bloqueado.

Homens em carroças puxadas por cavalos e camelos lotavam as ruas, indo na mesma direção que o jovem estudante. Elshamy os observou, pasmo. O que diabos estava acontecendo?

Mosa’ab não conseguiu ultrapassar o cordão de segurança que cercava a praça, então ligou para amigos que estavam lá dentro: “O que está acontecendo?”, perguntou. Ele podia ver grupos paramilitares atacando pessoas nas entradas com pedaços de pavimento e cacos de vidro. Uma batalha estava acontecendo em todo o centro do Cairo. A praça Tahrir estava sob cerco.

“Tahrir estava apenas se defendendo. Qualquer pessoa dentro também estava atacando”, lembra ele. “Enquanto eu estava do lado de fora, era extremamente complicado porque eu estava tentando entrar, mas não era possível. Qualquer um que fosse suspeito de fazer parte da revolução do lado de fora, seja aqueles que estavam tentando enviar ajuda ou suprimentos médicos ou cobertores, seria preso e espancado no local e suas coisas seriam confiscadas e entregues aos militares. Levei praticamente o dia todo para tentar entrar. E só consegui entrar durante uma dessas pausas durante a batalha. Eu enfim consegui entrar e deixar claro às pessoas que eu estava do lado delas”.

Em algum momento entre o meio-dia e as 13h do dia 2 de fevereiro de 2011, a beltagayya de Mubarak forçou sua entrada na praça Tahrir, montada em cavalos e camelos, brandindo espadas, facões e facas. Desde 28 de janeiro, o exército tinha um cordão de segurança em torno da praça, onde revistavam manifestantes em busca de armas para poder prendê-los.

“Devem ter rompido o isolamento e deixado os bandidos entrar”, diz Ali.

O regime havia subornado pessoas de Nazlet El-Semman para criar tumulto na praça Tahrir: “Esses protestos vão afetar o turismo e o país”, disseram as autoridades. “São a razão pela qual seu sustento foi cortado. Eles estão prejudicando e interrompendo o turismo.”



“Quando o ataque começou, as pessoas saíram das barracas e se reuniram”, lembra Ali. “Nós subíamos nos cavalos e retirávamos as pessoas. Havia uma descarga de adrenalina, alguém estava tentando nos destruir e eles não compreendiam o que estava acontecendo, que uma revolução acontecia ali. Eles não sabiam nada sobre o regime, eles estavam apenas sendo usados. Lutamos contra muitas pessoas com distintivos da polícia. O primeiro confronto durou alguns minutos. Alguns conseguiram escapar, outros, nós conseguimos capturar.”

“Então a maior confrontação ocorreu. Começou no Hotel Hilton ao lado do Museu Nacional, naquela entrada do lugar. Há outro acesso para Talaat Harb, batizado em homenagem ao fundador do banco egípcio. Essas foram as duas entradas onde a situação foi mais intensa. Desta vez, havia muitos mais bandidos e eles tinham coquetéis molotov e pedras. Eles subiram nos prédios, mas conseguimos derrubá-los. Então formamos um bloqueio, desde o final da tarde até a manhã seguinte. Então todos na praça estavam de prontidão e protegendo-a. Eu me machuquei, mas voltei imediatamente e ficamos por várias horas guardando o local.”

“As pessoas estavam defendendo a praça com suas vidas”, continua Ali. “Para todos, a praça era sua casa, alguém estava tentando tirá-los de sua casa. Também vimos o sonho que tínhamos prestes a se tornar realidade e alguém vinha para tirá-lo de nós. Havia mulheres, idosos, meninas pequenas com seus pais. Pessoas de todas as idades estavam na praça Tahrir. Embora fosse um pequeno número de pessoas, havia todas as faixas etárias. Todo mundo estava parado ao redor da praça. Todo mundo estava em pé e esperando a batalha, ninguém mais estava sentado”.

“As mulheres estavam atrás dos homens, qualquer pessoa ferida era imediatamente atendida. Naquele dia, os milicianos jogaram pedras e pedaços de cerâmica contra os manifestantes. Fui atingido na cabeça e ainda tenho a cicatriz. Eram objetos pesados, machucavam bastante. As pessoas estavam sangrando, mas enrolavam algo em volta do ferimento e

continuavam a lutar. Naquele dia, fui atingido por um coquetel molotov na perna e felizmente não foi tão ruim, não foi uma lesão grave. Enfaixei a ferida e voltei à praça.”

Ali e seus amigos foram a uma loja de ferragens abandonada pelo proprietário em meio às manifestações. Pegaram algumas peças de madeiras e as usaram para construir uma barricada; mulheres se sentavam na calçada, arrancando pedaços do asfalto para se defenderem.

Em uma pequena lembrança que encapsula o espírito da praça Tahrir naqueles 18 dias de revolução, após as milícias recuarem, Ali e seus amigos desmontaram a barricada e devolveram a madeira à loja de ferragens. Mas muita coisa aconteceria antes disso.

“Lembro-me de um homem idoso dentro do Museu Nacional, houve dois confrontos naquele dia, à tarde e mais tarde no dia”, recorda Ali. “Estávamos ao lado do Museu Nacional e formamos uma corrente humana para que os beltagayya não pudessem entrar. Não estávamos guardando o museu, mas tentando impedi-los de entrar em Tahrir, havia uma entrada lá. Também havia bombeiros e soldados montando guarda. Havia uma forte presença militar.”

“O povo perdeu a confiança no exército naquele dia por causa de sua presença. Porque foram os militares que permitiram que os beltagayya entrassem com armas. Um senhor idoso, por volta dos 60 anos, estava bastante assustado. Houve muitos ataques com coquetéis molotovs. As pessoas na praça Tahrir estavam indefesas, mas os bandidos tinham coquetéis molotovs. O velho dava um passo à frente e depois dois passos para trás. Então foi atingido por um coquetel molotov. Todos nós saltamos sobre ele tentando apagar o fogo. Eu gritava com um dos oficiais militares e ao lado dele estava um bombeiro. Eu gritava para o oficial dar a ordem ao bombeiro. Ele tinha uma mangueira de água e eu dizia para ele molhar o homem, mas ele recusou.”

“Neste ponto, eu estava pensando que eu queria proteger a civilização e que o homem era mais importante que tijolos”, reitera Ali. “Vendo o homem queimar na minha frente, era como se toda a humanidade estivesse em chamas. Eu me lembro claramente de olhar a um soldado e ao homem em chamas e o soldado se recusou a usar sequer uma gota d’água para salvar seu concidadão. Felizmente, porém, apagamos o fogo. As pessoas ao redor rapidamente o apagaram. Foi muito impactante para mim e realmente significativo que este homem idoso não tinha mais medo, apesar do que lhe aconteceu. Isso motivou todos nós.”

“Também me mostrou que existem pessoas como aquele velho dispostas a dar tudo e lutar, e outras que veriam um homem em chamas e não se importariam.”

A batalha continuou pela noite. Mosa’ab, que ainda não tinha uma câmera, estava tuitando, esperando que a praça resistisse até a manhã. “Sentia que se as pessoas pudessem resistir até a manhã, a revolução teria sucesso ou pelo menos continuaria viva.”

Ele estava certo. A partir desse momento, o presidente Hosni Mubarak, que governou o Egito por 30 anos, tornou-se o principal arquiteto de sua própria queda. Toda a batalha foi transmitida online – os observadores podiam ver claramente quem era responsável pelos ataques. No dia seguinte, a praça Tahrir estava lotada, com cerca de cem mil pessoas dentro e 300 mil pessoas nos arredores.

“Depois que esses eventos foram relatados às pessoas fora da praça Tahrir, pela manhã estava tão cheio que eu não podia ficar em pé”, afirma Ali. “A praça começou vazia, mas, naquele momento, qualquer pessoa que tivesse um parente no local veio verificar como todos estavam. Então muitas pessoas, mesmo aquelas que achavam que Hosni Mubarak era presidente legítimo e que tinham voltado para casa, perceberam que nada ia mudar. Essas pessoas voltaram e trouxeram suas famílias. Sinto que o

verdadeiro dia da queda de Mubarak foi nesse dia, tanto para o mundo exterior quanto para nosso país.”

“Disseram na época que o Partido Nacional era responsável. Disseram explicitamente que havia incitação na mídia, ninguém tentava esconder sua posição. Não apenas figuras importantes no partido, mas até mesmo pessoas comuns e aliados, até mesmo Mortada Mansour e outras pessoas que estavam com o governo. Muitos deles incentivavam as pessoas a irem até o local da Batalha do Camelo, a irem até a Praça Tahrir. Dos milicianos que capturamos naquele dia, alguns eram policiais, alguns eram militares e alguns eram informantes.”

Em 12 de fevereiro de 2011, Mubarak renunciou. A multidão ficou louca. Manifestantes que haviam escapado de tiros e tanques dias antes ofereceram flores aos soldados na praça. Um amigo de Ali se envolveu em bandeiras egípcias – uma em volta do pescoço, outra sobre os ombros.

“A Batalha do Camelo foi um ponto de virada. O ponto mais importante de toda a revolução depois da Sexta-feira de Fúria”, destaca Khalid. “Muitas pessoas acordaram para o fato de que o regime estava colocando egípcios contra egípcios; alguns viram isso como uma guerra civil, uma ideia que o regime começou a promover, usando palavras como ‘caos’ e ‘desordem.’”

Enquanto alguns estavam extasiados, outros temiam profundamente pelos anos seguintes.

“O problema é que as pessoas pensavam que Mubarak era o problema e tinha de ser derrotado e deixar o poder, mas o maior problema era o conselho militar”, insiste Haitham. “Se eles continuassem a existir, seria uma tragédia. E foi isso que aconteceu. Após a queda de Mubarak, todos cantavam e diziam que tínhamos vencido. Eu chorei muito naquele dia, mas porque estava apenas pensando no desastre que estava por vir. Isso é tudo o que eu conseguia pensar.”

“Já que não fomos capazes de nos livrar da fonte do regime, deve-se saber ou perceber que sua retaliação será muito feroz e agressiva, e é isso que estamos vendo agora.”

“A primeira vez que vimos o exército na rua conosco. Eles nos beijaram e nos abraçaram e disseram: ‘Estamos com vocês e com o povo, somos o exército do povo’. Sim, estávamos chorando”, diz Osama Gaweesh. “Sentimos que sim, tínhamos o exército conosco contra Mubarak, nós conseguimos, e conseguimos. Mas alguns dias depois da revolução, depois de 11 de fevereiro, o exército se voltou totalmente contra a revolução, o Supremo Conselho Militar, com Mohammed Hussein Tantawi como chefe de inteligência, começou a trabalhar contra a revolução e os partidos políticos que lideraram os dias seguintes no Egito, em 2011, foram ingênuos. Eles nunca acreditaram que o exército poderia contra-atacar ou organizar um golpe militar contra a revolução; isso não vai acontecer, diziam.” Estavam errados.



Massacre

“ Fui declarado morto após 40 minutos ”
Omar Magdy, médico de um hospital de campo

Dezessete de dezembro de 2011. O sol está baixo no céu, as noites estão chegando. Os egípcios estão longe de seu objetivo de um governo civil, apesar das promessas que encheram o ar depois da renúncia de Mubarak.

Dentro do Egito, manifestantes se reúnem para expressar indignação contra o Conselho Supremo das Forças Armadas (SCAF), que deveria servir apenas como governo de transição para negociar a transferência de poder. Estava demorando demais; os egípcios se sentiam cada vez mais impacientes por mudanças reais.

Fora do Egito, uma imagem viralizou: uma jovem deitada de costas, seu abaya preto abarrotado em torno dos ombros, expondo seu sutiã azul. Soldados com viseiras ao redor dela, um arrastando os braços, o outro com o pé levantado no ar, prestes a pisotear seu estômago. Há um contraste drástico com as imagens de euforia que preencheram todos os cantos e corredores da capital somente dez meses antes.

Ghada Najibe está grávida de seu quarto filho. Está no sexto mês e sua barriga arredondada sobressai por baixo de suas roupas. Ela passa pela manifestação, a caminho de casa. A mulher no chão não é um incidente isolado – o exército dispersa com violência atos por todo o país.

Ao virar na rua onde está localizada a Igreja Evangélica Kasr Al-Dobara, Ghada sente alguém agarrar seu braço. Hoje, ela sabe quem a agarrou: Hossam El-Din de Fayyoum.

“Juro pela vida de sua mãe que vou fazer você dar à luz agora e engravidá-la de novo”, disse o agressor enquanto a arrastava pelas ruas.

“Respeite-se”, ela redarguiu enquanto ele a apalpava. “Tire as mãos de mim. Você não tem honra, não tem respeito? Sua mãe não te criou bem? Como você pode me agarrar assim?”

Sua repreensão o irritou e ele chamou os outros soldados para se juntarem a ele em uma festa de conotação sexual, com Ghada no centro.

Um soldado veio e a puxou para um lado. “Quando eu disser para você correr, corra. Nem hesite por um minuto.” Ele olhou ao redor para ver se alguém estava ouvindo. “Não vá para Tahrir. Volte para a rua onde fica a igreja Al-Dobra.”

Ele deu alguns passos à frente. “Corra”, sussurrou o soldado. “Corra agora e não olhe para trás.”

Ghada fez o que lhe foi dito até chegar à igreja e desabar no chão frio dentro dela. Ela não conseguia sentir suas pernas, todo o seu corpo parecia paralisado. Mais tarde, quando deu à luz um menino saudável, ela o chamou de Thaer-Revolut, em homenagem à revolução.

“Provavelmente foi uma ação coordenada do Supremo Conselho das Forças Armadas para atacar, insultar e desencorajar qualquer mulher ou menina que encontrassem”, reflete. “Por exemplo, quando havia uma menina e um menino, eles prendiam a menina em vez do menino. Eles pretendiam insultar e quebrar as mulheres de uma maneira cruel.”

A história de Ghada é somente um grão de uma areia em uma série de eventos orquestrados que levaram à completa tomada de poder pelas Forças Armadas, culminando na derrubada do primeiro presidente democraticamente eleito do Egito, Mohamed Morsi, em 3 de julho de 2013, com o descenso ao outro lado da moeda, uma nova ditadura, marcada pela brutalidade desenfreada.

“O golpe estava quase se tornando inevitável naquele verão de 2013”, lembra Mosa’ab. “A sociedade estava extremamente polarizada, a imprensa estava extremamente polarizada. Morsi perdeu muitos, muitos de seus aliados, em particular, aqueles que o apoiaram temporariamente, somente por interesse em manter [o ex-primeiro-ministro Ahmed] Shafiq fora das eleições. Além disso, parece que Morsi e sua Irmandade Muçulmana não estavam tão interessados assim em consolidar a revolução. Por outro lado, havia um considerável ressurgimento de movimentação em favor de Mubarak, sobretudo na mídia, com pessoas que pediam intervenção militar. [O general Abdel Fattah el] Sisi se tornou muito mais franco e direto em sua ascensão ao poder, assumindo um papel cada vez mais proeminente desde sua surpreendente nomeação como ministro da defesa e chefe do exército, até o dia em que comandou o golpe de estado.”

Nove dias após o golpe, em 8 de julho de 2013, Omar Magdy estava ajoelhado para rezar o fajr quando ouviu tiros. Amanhecia e manifestantes estavam na estrada Salah Salem, perto do quartel-general da Guarda Republicana, onde acreditava-se que o presidente deposto estivesse detido. Os manifestantes já estavam sob cerco.

“Fui ferido três vezes durante a revolução, capturado e torturado duas vezes. Mas o ferimento mais grave foi no il-harass il-jumhuri em 8 de julho de 2013”, lembra Omar. “Foi depois das orações do amanhecer, fui baleado a um metro de distância. Eu tinha cerca de 600 estilhaços na minha perna direita, outros 401 estilhaços na minha perna esquerda. Uma outra bala errou minha aorta por três milímetros; outra quebrou a parte inferior de minha mandíbula, bem aqui, e quebrou dois dentes na parte de cima.”

“O exército começou a atirar. Depois disso, fiquei deitado por mais ou menos uma hora. Fiquei lá, sangrando por uma hora. Então eles me carregaram, algumas pessoas correram sob os disparos e me carregaram. Mais tarde, eu recebi o vídeo deles me carregando enquanto estava ferido. Em seguida, me colocaram em uma ambulância. Eu parei de respirar. Eles tentaram me reanimar. Recuperei o fôlego depois de um tempo. Cheguei no hospital e parei de respirar novamente. Lá, me reanimaram novamente. Então fui declarado morto após 40 minutos. Dez, vinte, trinta, quarenta. Quase fui parar no necrotério.”

“Na última oportunidade, quando o enfermeiro já fechava a porta, recuperei o fôlego mais outra vez. O homem que me carregava pensou que eu fosse um fantasma e me jogou no chão. Desabei no chão. Naquele momento, meus dois ombros saíram completamente do lugar. Eu não conseguia mover meu peito. Eu podia falar, mas falar tornava tudo ainda mais difícil. Eu não conseguia mexer as pernas e a dor era horrível. Posso senti-la em cada centímetro do meu ser”.

“Mesmo sendo verão, estava muito, muito frio.”

“Depois disso, o exército começou a cercar o hospital com tanques,” continua Omar. “Meu amigo já havia ligado para minha família. Minha família mora longe, a mil quilômetros do Cairo. Eles pegaram um avião e vieram à capital, ainda não haviam chegado, mas meu tio – ele está morto agora – era um oficial aposentado das Forças Armadas e morava perto. Ele usou seu carro com identificação para se infiltrar no círculo militar. Ele me colocou no carro e eu enfim saí dali. Enquanto estávamos saindo, vi soldados prendendo os feridos. Mais tarde, vi os jornais dizendo que eles eram todos terroristas que queriam atacar o exército.”

A atmosfera em toda o Egito estava tensa. Campanhas repressivas foram lançadas contra partidos políticos e ativistas, incluindo o movimento 6 de Abril, logo depois de seu líder, Ahmed Maher, anunciar sua retirada de cena, pois o que acontecia no país era claramente um golpe militar. Grupos opositores foram difamados na mídia e as autoridades tentaram impor a ideia de que todos os detratores estariam de conluio com a Irmandade Muçulmana.

Rumores se espalhavam de que haveria mais violência, desta vez para dispersar os manifestantes que ocupavam as praças de Rabaa e Ennahda. Em uma tentativa de acalmar a situação, o movimento 6 de Abril divulgou uma declaração dizendo que a violência não deveria ser empregue como tática. Não fez diferença alguma. Em 13 de agosto de 2013, o exército orquestrou o massacre mais brutal da história moderna do Egito.

Enquanto soldados entravam na praça Rabaa, Ali estava em uma rua lateral com um grupo de jovens, logo atrás da estátua de Rabi’a, mística sufista que dá nome à praça.

Não havia a mesma euforia que enchia a praça Tahrir, o sentimento de apreensão e temor era tangível. A união que tantos manifestantes recordavam com orgulho de 25 de janeiro fora substituída por divisão arbitrária e polarização.

Tanques cercavam a praça, aumentando a tensão. Um soldado se inclinou para o lado e puxou o gatilho, mirando diretamente nos manifestantes.

“Ele os está matando como se fossem galinhas”, exasperou-se Ali ao amigo; então, uma pausa.

“Nem mesmo galinhas são mortas assim.”

Também na manifestação estava seu amigo, aquele que havia enrolado várias bandeiras egípcias ao redor de si naquele dia na praça Tahrir, quando Hosni Mubarak renunciou. Ele foi morto. “Toda vez me lembro de como ele estava feliz abraçado com suas bandeiras. Mas penso que, se ele soubesse que três anos depois seria morto, não ficaria feliz em ter todas aquelas bandeiras enroladas em seu corpo.”

No total, Ali perdeu seis amigos desde a revolução.

No momento do massacre de Rabaa, Osama Gaweesh trabalhava como gerente de qualidade em um hospital em Damietta. Às nove horas da manhã, tentou entrar em Rabaa, mas tiros eram disparados por todos os lados e era difícil se locomover. Ele ficou nas margens da praça, transportando os feridos, incluindo seus amigos, para o hospital próximo.

Mosa’ab, que já havia documentado a alegria nos dias seguintes à renúncia de Mubarak, a violência que se seguiu e a coragem dos jovens que continuavam a protestar, virou sua lente para o banho de sangue que se desenrolava.

Ele capturou um jovem com uma máscara no rosto, chamas e tendas destruídas ao seu redor. Mosa’ab então se aproximou dos corpos deitados sobre o concreto frio, com as mãos amarradas com tiras brancas, as solas nuas dos pés tingidas de amarelo.

“Tirei uma foto quase no fim do dia. Ela mostra a praça, quase em chamas, um homem sentado sobre um cooler ou algo assim. Ele observa as chamas com muitas coisas no chão à sua frente, algumas frutas, as tendas destruídas. Há uma gigantesca nuvem de fumaça e atrás dela estão os soldados, do outro lado. O homem parece resignado, percebe o peso daquele dia. É uma foto que penso descrever bem o que ocorreu naquele dia, a destruição e o peso disso tudo, a crueldade que foi nos aplicada.”

“Naquele dia, busquei trabalhar para estar em todos os lugares”, continua Mosa’ab. “Tentei tirar fotos dos muitos corpos colocados nos necrotérios improvisados. Tentei registrar fotos das mulheres que juntavam e quebravam pedras para entregá-las à linha de frente. Tentei tirar fotos dos médicos e paramédicos cujos colegas foram mortos.”

“Eu tentei tirar fotos da perda que as pessoas sentiam ao identificar seus entes queridos e vê-los no necrotério. Tentei mostrar a escala disso tudo, que mesmo eu – alguém que decidiu a cobrir toda a violência no Egito – nunca poderia imaginar.”

Mosa’ab continua: “Há um momento em que um homem, ele encontrou seu primo dentro do lugar, acho que era a mesquita, acho que era um dos prédios anexos à mesquita, e alguns dias antes eu estive naquele salão e ela era então um centro de imprensa. Mas aquele lugar, ele havia se tornado mais um necrotério improvisado, porque faltava espaço para colocar as pessoas. Quando fui ver, nem conseguia andar por causa de tantos corpos. Havia um homem lá que acabara de encontrar seu primo morto, e ele apenas segurou sua mão e chorou sobre o corpo. Eu tentei me aproximar e tirar uma foto daquele momento para tentar registrar esse momento extremamente triste e uma imagem representativa da perda, na minha opinião. Este é um momento que costumo lembrar bastante. Ele parecia estar em seu próprio mundo, consumido por tamanha tristeza. Havia muitas outras pessoas ao redor dele, havia sangue no chão, mas ele só queria passar aqueles últimos momentos com seu primo. Então saí.”



Haitham também estava lá, procurando desesperadamente alguém com um plano de fuga: “Vinte e oito de janeiro foi um dos melhores dias de toda a minha vida. Eu batia no chão para sentir o que estava debaixo de mim e conferir se não era um sonho. Naquele dia, senti que a terra pertencia ao povo. Aquele foi o maior exemplo que já vimos das virtudes do povo egípcio. O segundo melhor dia da minha vida foi o Eid Al-Adha em Rabaa. O espírito e a atmosfera das pessoas e de todos naquele dia foram incríveis, todos se esqueceram de suas diferenças.”

“Há muitas diferenças entre Rabaa e Tahrir”, reafirma Haitham. “Em Tahrir, havia muita esperança e quase nenhuma diferença evidente entre as pessoas. Em Rabaa, no entanto, as pessoas estavam abaladas”.

“Havia bastante divisão. Havia os apoiadores da Irmandade, que esperavam que aquilo levasse ao retorno do governo. Havia pessoas contrárias ao regime militar, cientes de que caminhávamos a uma catástrofe. Algumas pessoas queriam apenas reduzir as perdas. Eu estava em Rabaa porque pensei que tínhamos chegado a um beco sem saída. Não podia ficar parado diante da injustiça. Ninguém deveria ser morto ou perseguido.”

“Em um nível muito pessoal, Rabaa foi o fim daquela parte da revolução e a derrota de qualquer ideal revolucionário na época, que tinha a ver com união, razão e a humanidade, ideias todas muito nobres. Ver Rabaa acontecer daquela forma e ser aplaudida por tantas pessoas deu início a um novo capítulo que vivemos no Egito, um capítulo de absoluto desrespeito pela vida humana e pela sacralidade da alma, de violação a quaisquer direitos humanos ou opiniões divergentes”, acrescenta Mosa’ab.

“É possível retomar tudo que acontece no Egito àquele dia em Rabaa. Foi um dia que deixou todo o povo traumatizado, quer acreditem ou não. Na minha opinião, até que superemos aquele dia, até que as pessoas possam falar sobre o trauma, sinto que a memória continuará presente.”

Ali, que estudava para seu mestrado quando a revolução eclodiu, jamais terminou sua tese porque acabou na prisão. Ali foi preso junto de milhares, no dia do massacre de Rabaa.

Em 18 de agosto, ele foi jogado em uma dos notórios camburões do Egito. Azul-marinho com janelas pequenas no topo cobertas com arame, antes da revolução, corriam pelas ruas movimentadas do Cairo e as pessoas se viravam para olhá-las, esperando nunca se encontrarem dentro delas.

A van parou em frente à Prisão de Abu Zabaal, nos arredores do Cairo. Da sua posição, Ali podia ver a van ao lado dele. Elas estavam estacionadas em fileiras, seus motores desligados e os prisioneiros dentro sofrendo com o calor que estava próximo de 40 graus.

Havia cerca de 44 deles algemados juntos e não havia ar dentro. O homem à direita de Ali desmaiou.

“Alguém que estava comigo no veículo foi baleado na coxa e sua coxa explodiu”, lembra Ali. “Eles estavam batendo nele com a parte de trás dos rifles no buraco da bala e ele estava segurando minha mão e dizendo: mate-me, não aguento mais. Não sei se ele sobreviveu, peguei minha camiseta e tentei aplicar pressão. Depois eles nos atribuíram a diferentes prisões, mas desde a manhã até a uma hora da madrugada. Por 12 horas seguidas, ele estava sangrando. Não sei se ele está vivo ou não. Fui eu quem o carregou porque quem estava consciente os carregava”.

Ali estava prestes a perder a consciência quando ouviu as portas da van serem destravadas. Um dos oficiais conhecia alguém dentro da van e desfez os parafusos de segurança. Uma onda de oxigênio os lavou. Naquele momento, não perceberam, mas esse sopro de ar salvou suas vidas.

Eles receberam ordens para sair da van e ficaram em fila, diante do cenário da prisão. Um dos oficiais os encharcou de gasolina. “Vamos colocar fogo em vocês”, disse ele, antes de ordenar que voltassem para a van.

Em outro veículo próximo a eles, os prisioneiros dentro não estavam tão bem. Havia 45 deles em um espaço grande o suficiente para 24 pessoas. Trinta e sete morreram. Entre os sete sobreviventes estava Mustafa Kassem, cidadão americano que mais tarde se tornaria o primeiro americano a morrer em uma cela egípcia.

Na época, foi amplamente divulgado que os prisioneiros morreram por asfixia depois que os oficiais jogaram gás lacrimogêneo no veículo, mas Ali acredita que eles morreram antes disso e o gás foi lançado para encobrir o quanto eles realmente sofreram.

Ali e Mustafa compartilharam uma cela de prisão por vários anos após o incidente e se conheceram muito bem ao longo dos anos. Mustafa foi perguntado várias vezes se desistiria de sua cidadania egípcia. Ele recusou.

Ali lembra de dois prisioneiros sendo torturados até a morte, seus corpos sendo deixados para apodrecer na cela por duas semanas.

Quando foi libertado da prisão, Ali voltou para Kerdasa. Ele se orgulha de seu legado, mas sente tristeza pelo que viveu sua aldeia. Mais de 200 penas de morte foram emitidas aos locais. Houve momentos felizes, como seu noivado, mas as autoridades o perseguiram, determinadas a fazê-lo pagar o preço por se opor ao regime.

“No dia do meu casamento, eu esperava que as forças de segurança tentassem me encontrar”, diz Ali. “Meus amigos estavam em diferentes acesos da cidade. As tropas vieram e um dos meus amigos me alertou. Então eu e minha esposa escapamos para o cemitério e depois fomos para um hotel fora da cidade.”

“Eles foram até a minha casa porque esperavam que eu fosse para lá. Quando não me acharam lá, destruíram a casa. Até mesmo meu carro, rasgaram todos os assentos. Destruíram nosso apartamento, tudo era novo, destruíram tudo. Tínhamos um jantar pronto e os policiais se sentaram e comeram a comida. Eles são tão rudes. Minha esposa disse: ‘Se soubéssemos que eles iam comer, teríamos posto veneno’”.

Como sal sendo esfregado agressivamente em uma ferida muito profunda e dolorosa, o governo de Sisi continuou tentando convencer o mundo de que era popular. No entanto, mantém-se perpetuamente furioso que os revolucionários se recusem a se submeter.

Exílio

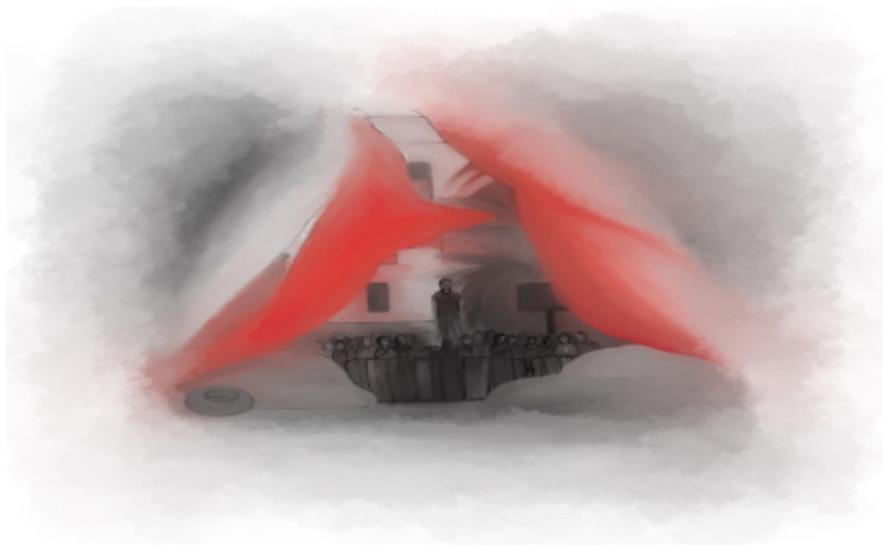
“ Se me arrependo de alguma coisa?
Me arrependo apenas de não ter feito mais ”
Sara Mohani, jornalista

Já se passaram sete anos desde o massacre de Rabaa, dez anos desde a revolução egípcia que abalou a praça Tahrir, no centro do Cairo, naquela manhã de inverno de 2011. Os revolucionários que lideraram aquele dia de mudança monumental foram rotulados como terroristas pelo estado e suas instituições.

Mulheres não estão mais nas portas da praça Tahrir exigindo um papel na vida política e descrevendo o Egito como “utopia”. Elas são estupradas na prisão, em celas ao lado de meninos em idade escolar, enquanto jornalistas são pendurados no teto por uma das pernas.

“Cerca de 200 prisioneiras desapareceram”, relata Haitham. “Algumas delas desapareceram há vários anos. Há uma mãe e um recém-nascido, estão desaparecidos há mais de dois anos e meio. Ninguém sabe nada sobre eles. Há uma senhora chamada Nisreen de Arish, no norte do Sinai, e ela está desaparecida há anos. Temos evidências de que há algumas mulheres estrangeiras que também desapareceram há anos.”

“Houve um incidente com um barco que carregava refugiados, foi anunciado oficialmente que eles se afogaram”, continua. “Alguns deles eram palestinos e foram presos junto com suas esposas. Desde aquele incidente, há cinco anos, ninguém sabe onde eles estão. Também recebemos depoimentos de pessoas desaparecidas à força em centros carcerários que pertencem à Agência de Segurança Nacional. Uma das histórias foi sobre a tortura hedionda de uma mulher egípcia, só porque ela ajudava algumas famílias dos prisioneiros do regime.”



“Qualquer homem ou mulher que entra nos salões da segurança do estado no Egito, sabe qual é o procedimento?”, pergunta Haitham. “A primeira coisa que acontece é que são despedidos e estuprados. Você pode imaginar sua irmã ou filha passando por isso? Está tudo bem?”

“Está sendo realizada uma verdadeira vingança contra as mulheres porque elas participaram da revolução, e suas vozes eram muito eloquentes e organizadas. Houve até mesmo atos só de mulheres. As meninas clamaram por liberdade; elas não tinham medo”, acrescenta Sara.

“A participação das mulheres egípcias na revolução e na vida política é forte até os dias de hoje. É algo que me orgulha de ser egípcia. Em outros países onde ocorreram revoluções semelhantes, o papel das mulheres era ainda muito fraco em termos de participação. No entanto, no Egito foi completamente diferente.”

“O regime aterroriza os pais através das meninas. Quem é sua filha, dizem eles, podemos fazer isso com sua filha, e ameaçam os pais de que vão estuprá-las. Os filhos sempre são o ponto fraco dos pais. Ninguém quer que seus filhos e filhas sejam expostos a nenhum tipo de perigo. Justamente por isso, as autoridades usam os jovens como ponto fraco.”

“Ainda assim, aqueles dias nebulosos em que todos pensavam que Mubarak jamais renunciaria – e então renunciou –, eles não se perderam. Vivem dentro de cada egípcio, gostem ou não.”

“Eu me lembro da esperança que havia em nossos olhos e do amor pela mudança, por um país mais justo”, lembra Sara. “Tenho muito orgulho de ter participado da revolução, e não me arrependo nem por um instante. Vejo hoje certo tom nas vozes de algumas pessoas que fazem comparações, como ‘durante os dias de Hosni Mubarak, vivíamos bem’, mas não, isso está errado, é errado se sentir assim. A revolução rompeu a barreira do medo e essa é nossa maior vitória. As pessoas nas ruas tinham medo de dizer o nome do presidente, sequer um comentário positivo”.

“As pessoas tinham medo. Mas agora, não. As pessoas xingam nas redes sociais, e até são presas por isso, mas ainda está tudo bem para elas. As pessoas estavam gritando, se jogando no fogo, e ainda hoje, mesmo com o atual regime opressivo, que é muito mais terrível do que o regime de Mubarak, as pessoas escolhem ter voz. Mesmo que tenham medo, as pessoas estão dispostas a falar, elas não estão mais em silêncio, mesmo que apenas entre si e nas redes sociais”.

“A revolução de janeiro rompeu a barreira do medo; destruiu completamente. Isso é um motivo de orgulho que ainda nos deixa felizes. E se a hora voltar a chegar, protestarei novamente e farei ainda mais do que fiz da primeira vez. Se eu me arrependo de alguma coisa, é apenas de não ter feito mais.”

“Quando penso na revolução, sinto um sentimento de desespero”, contesta Ali. “Eu tinha esperanças tão grandes para o Egito, pensei que seria diferente. Eu tinha arrepios, as pessoas diziam: mantenha a cabeça erguida, você é um egípcio. Naquela época, todos levantaram a cabeça e sentiram orgulho de serem quem são. A situação hoje é o oposto. Infelizmente, sempre que o Egito é mencionado, penso em assassinato. Tive várias experiências de quase morte. Felizmente, sobrevivi a elas”.

“Claro, eu sinto orgulho, não me arrependo de nada,” enfatiza Ali. “Não me arrependo de janeiro, desde o primeiro dia em que participei. Se acontecesse novamente, eu faria exatamente a mesma coisa. Escolhemos as melhores opções que tínhamos em mãos naquele momento. A revolução de janeiro é a coisa mais honrosa que aconteceu no Egito, um momento histórico em que todo o povo se uniu por uma única demanda.”

“Nosso erro foi não ficar na praça Tahrir até que nossas reivindicações fossem atendidas. Poderíamos ter pressionado os militares para atender nossas demandas e resolver os problemas do país, mas de modo geral tenho muito orgulho da revolução”.

“Eu era um jovem, sem qualquer posição de liderança, apenas um homem que participou. Falo como uma pessoa comum. É algo que nos deu muita esperança. Não consegui fazer a mudança, assumo a responsabilidade por isso. Todos devem assumir essa responsabilidade. Mas tenho muito, muito orgulho de tudo que fizemos.”

Depois que as forças de segurança interromperam o casamento de Ali e comeram a comida que havia sido preparada para ele e sua esposa, voltaram várias vezes à casa para procurá-lo. Ali tinha certeza, porém, de que não queria deixar o Egito. “Eu continuava pensando, as pessoas estão na prisão, eu preciso defendê-las. Acreditava na época que precisava ficar.”

Eventualmente, ele decidiu que era muito perigoso para sua mãe e suas irmãs, e deixou o país. “Naquela época, não havia nem um vislumbre de esperança. O movimento havia parado, ninguém estava saindo para protestar. Havia um estado profundo de divisão no país, até mesmo dentro do movimento islâmico, então assumi o risco e deixei o país.”

Isso foi em 25 de novembro de 2015. Ele recorda conversas que teve com parentes que ainda se lembravam dos dias de Gamal Abdel Nasser. “A mudança não vai chegar de um dia para o outro”, alertavam os parentes mais velhos. “É muito maior do que tudo isso e não acontece de um dia para o outro.”

“A revolução foi um ato de orgulho, você tem que se orgulhar disso”, reflete Omar. “Se você perdeu algo precioso dentro de você ou não perdeu nada, você deve se orgulhar. E temos que sobreviver a isso, temos que superar tudo isso, porque a injustiça não durará para sempre. Justiça e injustiça, elas se revezam. Isso é a vida, altos e baixos. Vivemos agora tempos ruins, mas vamos sorrir novamente. Eu acredito nisso.”

“O que aconteceu é que a liberdade foi derrotada. Isso é o que aconteceu. As pessoas foram mortas. Eu estava participando dos protestos desde 2011. Vi homens idosos sendo mortos. Testemunhos o estupro de jovens mulheres no meio da praça. Eu vi crianças. Sim, eu vi crianças sendo mortas. Nós enterramos muitos amigos. Muitos outros amigos foram para a prisão, cumprindo trinta, quarenta, cinquenta anos de prisão. Eu mesmo fui condenado a 65 anos no total. Isso é o que aconteceu. Homens bons foram perdidos.”

“Eu ouvi histórias terríveis”, acrescenta. “Eu vi crianças sendo torturadas, crianças sendo estupradas. No último caso em que eu estava trabalhando, eu conversava com uma mãe. Seu filho tinha, se me lembro bem, não mais do que 14 anos. Ele foi capturado e os policiais ordenaram aos prisioneiros que o estupassem. E eles o estupravam diariamente.”

“Ela diz: em minha última visita, eu sei que estão levando meu filho para ... e ela começa a chorar. Mas dessa vez eu não aguentei mais. O que uma criança de 14 anos fez para receber tal castigo? Algumas pessoas, eu mesmo fui torturado. Sim, eu fui torturado por duas semanas, levei choques elétricos, um dente e duas costelas foram quebradas, mas eu já era adulto o suficiente para entender. Eu tinha 20 ou 21 anos e pude aguentar tamanho sofrimento.”

Em 2016, cinco anos depois de ter trabalhado no hospital de campanha na praça Tahrir, três anos após ser declarado morto, a clínica de Omar em Aswan foi incendiada. Pouco depois, Omar recebeu ameaças de que seria capturado vivo ou morto. Fora condenado a 65 anos de prisão.

Enquanto olhava para os escombros da clínica que havia trabalhado duro para construir, o telefone de Omar vibrava no bolso. Quando ele atendeu, a pessoa do outro lado se apresentou como Abbas Kamel, ex-chefe de gabinete de Sisi.

“Se você aparecer na televisão nacional e se desculpar, eu te recompensarei tornando-o membro do conselho”, disse a voz.

“Não”, disse Omar, “Eu não posso aceitar isso”.

Ao desligar, Omar sabia que se ficasse por mais uma noite, estaria morto. “Dentro de uma semana eu estava fora do Egito. Eu paguei subornos. Paguei um total de US\$ 65 mil. Em libras egípcias, isso é uma fortuna.”

“Sim, eu tive medo, mas vou negar, porque, você sabe, na minha região, não é bom para um homem sentir medo. Claro, eu estava com medo.”

Omar vive hoje em Istambul.

Em 15 de outubro, se casou com uma mulher turca.

“No Egito, eu tinha que mudar de casa a cada duas semanas. Eu não podia fazer amigos, não podia falar com ninguém, tinha que viver sozinho. A sensação de ser perseguido, capturado e preso por 65 anos. Eu não sei quantos anos vou viver, mas não fiz nada para ser condenado a 65 anos”, diz Osama.

“E quando aquele oficial me ligou, me oferecendo a oportunidade de tudo desaparecer e me tornar um membro do conselho, que eu seria recompensado, senti nojo. Não estava feliz. Algumas pessoas me disseram, você deveria ficar feliz, aceitar, tudo vai desaparecer. Isso não está certo, estou enojado. Eu não poderia acordar todos os dias e me olhar no espelho. Eu não poderia me respeitar se fizesse isso. Preferia ser morto a fazer isso. Claro, passei por momentos difíceis, alguns dias, não conseguia encontrar comida. Alguns dias dormi na rua. Alguns dias, mesmo que não devesse trabalhar, continuei fazendo cirurgias e a polícia estava circulando meu consultório. Pulei da primeira sacada e tive que andar com meu joelho ferido.”

“Você tem de continuar. Você tem de suprimir toda a dor que passou. Você tem de sobreviver. Eu tenho de sobreviver para dizer a todos que jamais confiem nas Forças Armadas, que não tenham esperanças na comunidade internacional ou em organizações como as Nações Unidas. Se eles querem que as pessoas confiem neles, precisam mudar suas políticas, precisam corrigir anos de erros e fracassos. Conheci famílias que foram separadas, todos os membros estão mortos. Conheço uma mãe, ela tinha três filhos. Um deles foi morto, um está na prisão. E o terceiro saiu do Egito. Hoje, ela vive sozinha. Outra mãe tem que visitar dois filhos em duas penitenciárias diferentes toda semana. Ela tem que viajar para uma delas por 400 quilômetros e depois voltar e viajar para a segunda por 600 quilômetros, semanalmente, e tem que se preparar um dia inteiro para realizar cada visita. Então são cinco dias da semana somente para isso. Não tem como ela viver sua vida.”

“Eu não sinto nada. Eu não sei como dizer, mas acho que meus sentimentos foram mortos.”

Em 24 de janeiro de 2014, cerca de duas horas após uma manifestação que ocorreu naquele dia, Haitham Ghoniem foi preso. Quando foi solto, dois anos depois, decidiu visitar alguns amigos na Turquia. Pouco antes de retornar, um advogado o alertou de que seu nome havia sido colocado em uma lista. “Não volte”, alertou. “Se você fizer isso, será preso”.

Haitham chamou a atenção da inteligência enquanto trabalhava em uma investigação independente sobre a verdadeira localização da temida Prisão do Escorpião, onde prisioneiros políticos são mantidos e submetidos a tratamento particularmente brutal até hoje. Haitham utilizou imagens por satélite para provar que a infame penitenciária ficava dentro do complexo prisional de Tora, e não no local apontado pelo Google quando você o pesquisava.

“Depois de minha segunda reportagem investigativa, a Agência de Segurança Nacional entrou em contato diretamente comigo e me ameaçou”, comenta Haitham. “Primeiro, apenas me ameaçaram, depois cancelaram meu número de identidade nacional. Eu tenho um documento oficial que confirma isso. Até hoje, sou a única pessoa do Egito a quem isso aconteceu.”

Enquanto isso, Osama Gaweesh lutava contra uma queixa apresentada contra ele por um advogado próximo ao regime de Sisi, pedindo que sua cidadania egípcia fosse revogada. Gaweesh ainda trabalhava como dentista, mas fazia o possível para denunciar a corrupção e a violência do estado. Gaweesh fugiu para a Turquia. Como punição, toda vez que ele publica alguma coisa crítica ao regime, destroem um pouco mais de sua clínica em Damietta.

“Eles me sentenciaram a cinco anos in absentia, eu enfrentei um julgamento militar, e eles proibiram a publicação de qualquer coisa sobre o caso. Eu não tinha ideia qual seria o meu destino nesse julgamento”, diz Osama. “Puseram meu nome em uma lista de indivíduos terroristas três vezes, me impediram de renovar o passaporte e recorreram às autoridades turcas para que me extraditassem. Tudo isso me levou a solicitar asilo no exterior e me tornou um refugiado no Reino Unido.”

“Minha família se juntou a mim depois que fugi do Egito – meus pais, minha esposa e meus filhos em dezembro de 2013. Eles vivem comigo desde então. A única coisa que deixei para trás foi minha casa e minha clínica. Toda vez que apresentei denúncias ou fiz algo que revelou fatos sobre o regime, soldados invadiram minha casa. Destruíram minha clínica e incendiaram minha casa, atearam fogo nos móveis e fizeram isso talvez oito ou nove vezes em menos de cinco anos. Da última vez, foram à minha casa novamente e destruíram a fachada. No Egito, como médicos, colocamos nossos nomes em um painel na frente de nossa casa. Eles destruíram esse painel.”

“Minha terra é o Egito”, reitera. “No entanto, já se passaram dez anos desde a revolução e ainda estou aqui. Mais dez anos podem se passar, mas um dia voltarei à praça Tahrir. Voltarei para minha casa, voltarei para minha clínica. Um dia, eu voltarei ao Egito.”

“O Egito é o meu país. Ainda hoje é o meu país. Será sempre a minha terra. Eu vou voltar para o Egito um dia. Estou contando para meus filhos sobre o Egito porque eles não têm lembranças do Egito. Eu conto a eles sobre a praça Tahrir, conto a eles sobre as pirâmides, sobre o povo egípcio, sobre os restaurantes e sobre todas as coisas do Egito. Um dia, não sei quando. Contudo, acredito que este dia chegará em breve. Eu voltarei ao Egito. E toda as notícias falsas, todas as falsas acusações contra nós, nos acusando de terroristas, vão enfrentar a justiça. Voltaremos ao Egito e o povo egípcio saberá quem somos.”

Em 25 de abril de 2016, Sara Mohani foi presa enquanto cobria as manifestações de Tiran e Sanafir na praça Al-Mesaha.

Oito meses depois, recebeu uma ligação de um advogado que alertou que ela estava sendo procurada em um processo conhecido em que vários jornalistas foram perseguidos. Em questão de semanas, recebeu uma segunda ligação. Fora citada em outro caso.

Sara Mohani deixou o país e foi para a Itália.

“Eu tento evitar olhar para fotos ou vídeos sobre o Egito porque isso me parte o coração”, lamenta. “Por que eu não estou lá? Por que eu não estou vivendo feliz com minha família e amigos e trabalhando em meu país? Por que eu não posso viver minha vida sem ameaças? Por que eu não posso viver minha vida sem a ameaça de ser mandada para a prisão? Por que eu não posso viver como pessoas normais em qualquer lugar do mundo?”

Ghada Najibe não esqueceu o oficial militar que a agrediu sexualmente em frente à igreja no dia 17 de dezembro de 2011. Nem ele, ao que parece – Sisi, ainda um general, enviou uma mensagem através de um dos amigos de seu marido de que o oficial viria com seu comandante se desculpar pessoalmente. Então, ela tomaria um café com o próprio Sisi.

Hisham recusou; sua esposa foi presa em várias manifestações.

Em 15 de outubro de 2015, alguém no departamento de inteligência aconselhou Hisham a tirar sua esposa do país. “O que está por vir é ruim”, lhe disseram. “Não podemos protegê-la”.

Ghada recebeu um mandado de prisão em 9 de dezembro. Uma semana depois, deixou o Egito.

“Sinto saudades de casa quando me lembro do Egito”, comenta Ghada. “Sinto mágoa e impotência, lamento a perda de um sonho que se transformou em pesadelo. Sinto saudades de tudo – ruas, amigos, cafés, carros, família, memórias. O que eu mais penso é que eles me tiraram as minhas raízes. Deixei minhas memórias para trás e tive de me mudar para um novo país. Deixei toda a minha vida para trás, tudo o que fazia parte da minha formação está lá. É como se fôssemos apenas um corpo, agora sem alma”.

“Claro, me sinto orgulhosa por ter participado da revolução”, continua. “É a melhor e maior coisa que já fiz na vida, a melhor coisa da qual participei. Mesmo que eu morra e não faça mais nada, é suficiente ter participado em 25 de janeiro, estou muito orgulhosa e nunca me arrependi. Pelo contrário, se pudesse voltar no tempo, faria exatamente o que fiz, lutaria contra a opressão novamente. Não tenho nenhuma ideologia política, nunca fui afiliada a nenhum movimento ou grupo, pertenço às minhas ideias, princípios e crenças. Meus princípios rejeitam a injustiça. Eu denunciarei a tirania mesmo que pague o preço por isso.”

“No Facebook escrevi sobre um sonho que tenho todas as noites desde que deixei o Egito há três anos”, observa Sara. “Todas as noites é o mesmo sonho. Sonho que estou tentando escapar, tentando fugir, mas a polícia me prende. O sonho começa comigo visitando os lugares que amo no Egito. Então se transforma em um pesadelo. As forças policiais estão logo atrás de mim, estou sob ameaça e quero correr, mas não consigo correr. Esse sonho me persegue todas as noites há três anos. Embora esteja recebendo tratamento psicológico, ainda não estou curada”.

“É impossível para nós nos arrependermos da revolução, é o maior feito que presenciei na vida. A revolução de janeiro é a maior coisa que aconteceu na história moderna do Egito. O Egito é uma nação que recusa a tirania, e isso custou muitas vidas”, reafirma Khalid.

“Agora que a revolução é quase uma memória distante, é muito fácil olhar para ela sem nostalgia, sem emoções e tentar ser crítico de como a revolução deu errado, e que parte cada um desempenhou para fazer com que ela chegasse aonde está”, diz Mosa’ab.

“Porque na época, era simplesmente impossível acreditar que daqui a dez anos, as coisas não só seriam ruins, mas piores do que nunca. É muito fácil sentir saudade daqueles dias. Mas acho que é ainda mais importante pensar por que deu errado e tirar lições disso. E assim como o mundo um dia olhava para a praça Tahrir e tentava se inspirar em Tahrir, agora é importante que aqueles que estavam ali aprendam com seus próprios erros, porque houve sim equívocos e cálculos errados. Todos tiveram sua parcela de culpa em como as coisas acabaram desta maneira, desde os partidos políticos, às instituições, à comunidade internacional, até mesmo os jovens ativistas que estavam na vanguarda desse movimento.”

“Espero que quem vier a seguir seja mais crítico, mais modesto, mais fundamentado e encontre novas maneiras de realizar os mesmos sonhos, porque eles se aplicam a todas as gerações”, conclui. “E o que as pessoas queriam naquela época é o que as pessoas ainda querem até hoje. Dignidade, pão e igualdade social estão minguando, mas é justamente contra essa miséria e injustiça que as pessoas lutam. Esperar estar vivo quando a revolução voltar a acontecer.”

Notas finais

Para a versão multimídia completa de **18 dias**, em inglês, visite o website:

<https://features.middleeastmonitor.com/egypt-anniversary/>

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordoorient)